



Wilhelm Reich numa perspectiva autobiográfica: aproximações e rupturas com a psicanálise clássica

Wilhelm Reich in an autobiographical perspective: approaches and ruptures with classical psychoanalysis

Lucielena Mendonça de Lima

 <https://orcid.org/0000-0002-1907-1920>
Universidade Federal de Goiás
Brasil

Resumo

Este estudo bibliográfico constitui-se de três seções. Na primeira, destacam-se duas narrativas autobiográficas do psicanalista Wilhelm Reich: "Paixão de juventude" e "A função do orgasmo". Na segunda, analisam-se os tópicos convergentes entre Reich e Freud, que são os construtos da primeira fase psicanalítica (1894-1920), e na terceira, discutem-se os tópicos divergentes entre esses autores, que são os construtos da segunda fase psicanalítica (1920-1939). Portanto, o objetivo é ressaltar as aproximações e rupturas de Reich com a psicanálise clássica. Os resultados apontam que as experiências sexuais infanto-juvenis de Reich influenciaram em seus interesses de estudo, enquanto jovem estudante de medicina, levando-o a aproximar-se e, ao mesmo tempo, a afastar-se da psicanálise. Destaca-se que, da análise comparativa dessas duas obras reichianas, pode-se concluir que, na primeira, ele delineia os construtos básicos que são detalhados na segunda. Nessa, ele explicita as divergências teóricas entre ele e Freud. Principalmente, a crítica reichiana contumaz ao construto freudiano da pulsão de morte que o levou a elaborar a teoria do orgasmo e que o afastou, definitivamente, da psicanálise. Mostra-se que entre os 1920-1934, quando ele esteve ligado à IPA e com o consentimento de Freud, Reich desenvolveu as Teorias da Economia sexual, do Orgasmo e da Análise do Caráter como releitura crítica da pulsão de morte que não aceitava.

Palavras-chaves: Freud; Reich; convergências e divergências teóricas; pulsão de morte; teoria da economia sexual.

Abstract

This bibliographic study consists of three sections. In the first one, two autobiographical narratives by the psychoanalyst Wilhelm Reich stand out: "Passion of youth" and "The function of orgasm". In the second, the converging topics between Reich and Freud are analyzed, which are the constructs of the first psychoanalytic phase (1894-1920), and in the third, the divergent topics between these authors are discussed, which are the constructs of the second psychoanalytic phase (1920-1939). Therefore, the objective is to highlight Reich's approximations and ruptures with classical psychoanalysis. The results indicate that Reich's child and adolescent sexual experiences influenced his study interests as a young medical student, leading him to approach and, at the same time, to move away from psychoanalysis. It is noteworthy that, from the comparative analysis of the two Reichian works, it can be concluded that, in the first, he outlines the basic constructs that are detailed in the second. In this, he explains the theoretical differences between him and Freud. Mainly, the persistent Reichian critique of the Freudian construct of the death drive that led him to elaborate the orgasm theory that definitively distanced him from psychoanalysis. It is shown that between 1920-1934, when he was linked to the IPA and with



Freud's consent, Reich developed the Theories of Sexual Economy, Orgasm and Character Analysis as a critical reinterpretation of the death drive that he did not accept.

Keywords: Freud; Reich; theoretical convergences and divergences; death drive; theory of sexual economics.

É fácil pretender aquilo que é lugar-comum.

É difícil pretender a verdade.

(Reich, 1948/1975a, p. 16)

Introdução

Wilhelm Reich foi médico psiquiatra, psicanalista e cientista natural austro-húngaro. Nasceu em Dobzau (Austria) em 24/03/1897 e morreu em Lewisburg (Pensilvânia/EUA) em 03/11/1957. Ele fez parte da segunda geração de psicanalistas, juntamente com os austríacos Otto Fenichel (1897-1946), Ernst Kris (1900-1957), Heinz Hartmann (1894-1970), Melanie Klein (1882-1960) e o polonês Rudolph Loewenstein (1898-1976). Segundo Roudinesco e Plon (1998), quatro fatores caracterizam essa geração: 1) começou a se formar a partir de 1918; 2) enfrentou a ascensão do nazismo, o que a forçou ao exílio; 3) teve como vínculo fundamental a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e não uma cidade ou um mestre e 4) transformou a doutrina original a partir de uma leitura centralizada na segunda tópica.

A obra de Reich é autoral e difícil, principalmente para os pesquisadores especialistas em uma única área de conhecimento. Reich foi um estudioso com uma visão renascentista, pois buscou entender o homem relacionando-o à natureza e ao mundo, ou seja, como uma unidade biopsicossocial. Sua visão foi fortemente influenciada pela filosofia, sociologia, política, ciência, literatura, entre outras.

O pensamento reichiano é transdisciplinar, porque ele estudou profundamente a sexualidade humana para além das visões específicas e apoiou-se em vários campos de conhecimento, como ele mesmo explica.

Para a maior parte das pessoas, constitui um enigma o fato de que eu possa trabalhar simultaneamente em disciplinas tão diferentes como psicologia profunda, sociologia, fisiologia, e agora também biologia. Alguns psicanalistas desejam que eu volte à psicanálise; os políticos empurram-me para a ciência natural e os biólogos para a psicologia (Reich, 1948/1975a, p. 9).

Ele foi uma espécie de renascentista, porque lida com esse conjunto de disciplinas diferentes e forma uma espécie de amálgama delas e, daí, surge condensado seu pensamento sistêmico. A importância desse autor está, justamente, nesse aspecto. No entanto, de forma prática, a maioria dos leitores de sua obra tem dificuldade de lidar com esse tipo de pensamento complexo, posto que Reich elabora



e reelabora os conceitos e, por isso, é preciso estar muito atento à cronologia de suas publicações, pois todas estão contextualizadas sócio-historicamente.

O objetivo deste estudo bibliográfico (Gil, 2002) é ressaltar as aproximações e rupturas de Reich com a psicanálise clássica. Para tanto, constitui-se de três seções. Na primeira, apresenta-se o *corpus* composto de duas fontes primárias, as duas narrativas autobiográficas: "Paixão de juventude" (1988/1996), seu diário autobiográfico, e "A função do orgasmo" (1948/1975a), sua biografia científica. Na segunda, analisam-se os tópicos convergentes entre Reich e Freud, que são os construtos da primeira fase psicanalítica (1894-1920), e na terceira, discutem-se os tópicos divergentes entre esses autores, que são os construtos da segunda fase psicanalítica (1920-1939). Ao final, apresentam-se as considerações finais e as referências.

Metodologia de pesquisa

Esta pesquisa, quanto à abordagem metodológica, é qualitativa e exploratória segundo Gil (2002, p. 41) e têm "como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições". Assim, faz emergir aspectos subjetivos e, por isso, pode atingir motivações não explícitas, ou mesmo não conscientes, de forma espontânea.

Segundo Denzin e Lincoln (2000, p. 8), a pesquisa qualitativa envolve "um comprometimento com alguma versão da abordagem naturalista, interpretativa em relação ao sujeito e uma crítica progressiva da política e dos métodos do pós-positivismo". Posto que as raízes intelectuais do paradigma construtivista ou interpretativista se encontram na Alemanha do século XIX, quando se postulava a distinção entre as ciências naturais (*Naturwissenschaft*) e as ciências humanas (*Geisteswissenschaft*), de acordo com Assoun (1983). No trabalho de Wilhelm Dilthey (1833-1911), filósofo e historiador alemão do século XIX, essa distinção se tornou ainda mais clara, porque, segundo ele, os métodos usados nas ciências humanas deveriam ser hermenêuticos, buscando interpretar as perspectivas de significação das pessoas em estudo.

A interpretação qualitativa realiza, de forma holística, o significado das experiências de uma pessoa, de um evento ou de um grupo. Na verdade, ao escrever os textos da pesquisa, o pesquisador está inserido em um ato de interpretação e de criação, por isso, a subjetividade é considerada um fator integral de qualquer pesquisa qualitativa. Portanto, é preciso que o investigador qualitativo-interpretativista descreva como percorreu o caminho da interpretação. Esse tipo de descrição é "cheio, denso, metafórico, propositadamente aberto, não artificialmente unificado" (Chil-



dress, 1998, p. 3). Assim, para Denzin e Lincoln (2000), o pesquisador qualitativo, ao escrever os textos da pesquisa, se define como “o escritor como intérprete”, pois “as interpretações qualitativas são construídas” (p. 23).

Quanto ao procedimento, é bibliográfica (Gil, 2002), porque é elaborada a partir de material já publicado. A técnica é a análise documental que “busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse” (Lüdke & André, 1986, p. 45). Por isso, também é exploratória, porque realiza-se a análise dos documentos “Paixão de juventude” e “A função do orgasmo” como fontes primárias (Cellard, 2012; Lüdke & André, 1986) e como narrativas reais (Benjamin, 1994). Posto que, como afirma Cellard (2012) “[u]ma pessoa que deseja empreender uma análise documental deve, com o objetivo de constituir um *corpus* satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes” (p. 298).

Informa-se, ainda, que “Paixão de juventude” recebeu uma única análise feita por Albertini (2016), com objetivo diferente do que esta pesquisa propõe. Assim, a análise desse autor é uma fonte secundária e é citada neste estudo.

Reconhece-se, portanto, que a análise qualitativo-interpretativista empreendida no *corpus*, também, pode pecar por ser “certamente mais uma interpretação interessada”, segundo a opinião de Russo (1993, p. 118); assim como pelo fato de existirem muitas controvérsias, inclusive, publicadas em biografias sobre a vida e a obra de Reich.

Metodologicamente, como tentativa de amenizar a subjetividade como intérprete e construtora das interpretações (Denzin & Lincoln, 2000), analisa-se o *corpus* de forma comparativa, de acordo com a técnica proposta por Birman (1991) em “Sujeito, Singularidade e Interpretação em Psicanálise”, em cujo artigo esse autor usa a referida técnica.

Esse autor informa que “Este texto pretende ser um comentário, pois tem a intenção de sublinhar os pressupostos da concepção psicanalítica de interpretação no ensaio [*Le Je et ses interprétations*] de Piera Aulagnier” (Birman, 1991, pp. 127-128). Ele, também, explica na nota 5 que “Como a realização do comentário de um texto implica sempre um trabalho de interpretação, me apoiarei nas obras mais importantes da autora para não ser arbitrário” (Birman, 1991, p. 129).

Figuradamente, essas duas obras reichianas analisadas são como um espelho, pois tornam evidente o progresso da construção das ideias reichianas, e um contraponto, porque “A função do orgasmo” complementa e adiciona informações que foram apresentadas de forma superficial ou não foram apresentadas em “Paixão de juventude”.



As duas narrativas autobiográficas de Reich

A primeira obra analisada foi escrita entre os anos 1919 e 1922 como diário autobiográfico, quando ele era estudante de medicina na Universidade de Viena. Em 1988 foi publicado o original "*Leidenschaft der Jugend: Eine Autobiographie, 1897-1922*" (Reich, 1988a) e em inglês como "*The passion of youth. Wilhelm Reich an autobiography, 1897-1922*" (Reich, 1988b). A tradução em português é de 1996, como "Paixão de Juventude: uma Autobiografia 1897-1922", sendo essa tradução, o texto analisado ao longo deste artigo. Tem 185 páginas, apresenta três capítulos, precedidos pelo prefácio escrito por Mary Boyd Higgins (Reich, 1988/1996). "Infância e puberdade: 1897-1914" (pp. 11-59), "A Grande Guerra: 1914-1918" (pp. 60-74) e "Viena: 1918-1922" (pp. 75-185) são os títulos dos capítulos.

Higgins, curadora da *Wilhelm Reich Infant Trust Foundation*, entre os anos de 1958 e 2019, quando morreu, explica que o objetivo de sua decisão em editar o diário de Reich é mostrá-lo como pessoa e desmistificar sua figura que, ainda hoje, é polemizada, pois, muitos o admiram e muitos o ridicularizam, classificando seus estudos de pseudocientíficos. Ou, como pode-se observar nessas palavras escritas por ele, no registro do dia 09/07/1920, nas quais explicita o que acredita que os outros pensam dele.

Tudo conversa! O homem foge de si mesmo! Tudo mentira – até mesmo a melhor, a mais sinceramente desejada verdade! Quão solitário eu sou, essencialmente! Algumas pessoas me odeiam, outras me temem; muito poucas me desprezam, muitas me estimam, mas onde posso encontrar unidade, o sentido de fazer parte, onde encontrarei aceitação para uma alma com desejo excessivo de dar!? (Reich, 1988/1996, p. 117)

Em outro registro de 29/11/1920, ele próprio apontava para esse receio, como se pode ler a seguir.

Não continuarei com isso. Qual é a utilidade? Ontem Otto [Fenichel] disse que diários sempre foram escritos com a ideia de que algum dia seriam lidos. Deixe-me ser franco: muitas vezes eu também acalentei a ideia de que isso devia ser (e seria) lido, e, contudo, a ideia de que alguém o leia é – estranha! Temo que eu possa ser desmascarado? Talvez! O que sei de mim mesmo? (Reich, 1988/1996, p. 141)

O segundo livro se intitula "The Discovery of the orgone, vol I: The function of the orgasm"¹ em 1932 (Reich, 1948/1975a), cuja tradução em português é "A função do orgasmo: problemas econômicos sexuais da energia biológica" (Reich, 1948/1975a), compõe-se de dois volumes. Essa obra, também, pode ser considerada um diário, como ele mesmo o afirma. Provavelmente, Reich deveria ter em

¹ Esclarece-se que, pese a semelhança do título, essa obra é diferente de "*Die funktion des orgasmus*" de 1927, dedicada a Freud. No Brasil, o título é "Psicopatologia e sociologia da vida sexual" (1975).



torno de quarenta anos, quando escreveu os nove capítulos que compõem o volume I dessa obra, publicada pela primeira vez em 1942 em inglês, mas alguns textos já haviam sido publicados como artigos em alemão² em 1937. É importante destacar que o conteúdo é o mesmo nas duas edições (1942 e 1948), ele faz essa afirmação no prefácio da segunda edição de 1948.

No prefácio da segunda edição do volume I³ de "A função do orgasmo", que tem o título "A descoberta do orgônio"⁴, escrito em fevereiro de 1947, Reich explica que

A descoberta do orgônio foi o resultado da firme aplicação do conceito da *energia psíquica*, inicialmente no campo da psiquiatria. O presente volume pode considerar-se como uma introdução extensiva ao recém-aberto campo da biofísica do orgônio. Os resultados da pesquisa biofísica e física desde 1934 foram apresentados em estudos especiais no *International Journal for Sex Economy and Orgone Research* (1942-45). Em futuro próximo, serão reunidos e publicados em um Volume II, sob o título *The Cancer Biopathy*. Tem-se demonstrado claramente que o conhecimento das funções emocionais da energia biológica é indispensável para a compreensão das suas funções físicas e fisiológicas. As emoções biológicas que governam os processos psíquicos são, em si, a expressão direta de uma energia rigorosamente física, o orgônio cósmico. A segunda edição deste livro surge inalterada. W. R. Nova York, Fevereiro de 1947 (Reich, 1948/1975a, p. 8, grifo do autor)

A introdução foi escrita em novembro de 1940 em Nova York. Reich faz uma retrospectiva dos vinte anos de seu trabalho médico e científico ao longo dos capítulos, por isso afirma que essa obra é sua biografia científica.

Este livro compreende o meu trabalho médico e científico no organismo vivo ao longo dos últimos vinte anos. Não era, a princípio, destinado à publicação. Assim, não hesitei em exprimir o que, no caso contrário, poderia ter omitido, com vistas a considerações materiais, à boa reputação no sentido geral da palavra, e a algumas correntes de pensamento ainda indecisas (Reich, 1948/1975a, p. 9).

De acordo com a citação, fica claro que essa obra também começou como um diário autobiográfico, posto que ele não a havia escrito para ser publicada.

² Para maiores detalhes ver "Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich. Bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento" de Sara Quenzer Matthiesen (2007).

³ Neste artigo, analisa-se somente o volume I, porque é neste que Reich narra sua experiência como psicanalista na SPV e IPA, bem como suas pesquisas a partir dos construtos freudianos. Os textos que compõem "A biopatia do câncer", que é o volume 2 de "A Função do Orgasmo. Problemas econômico-sexuais da energia biológica", foram publicados como artigos entre 1942 e 1945 no *International Journal of Sex Economy and Orgone Research*. Em 1948, Reich os revisou e publicou pela primeira vez como livro, mas teve pouquíssima divulgação. Após sua morte em 1957, foram proibidas as publicações de várias obras de Reich, dessa, inclusive. Em 1973, foi reeditada em inglês. A primeira edição em português, tradução de Maya Hantower, foi publicada em 2009 pela WMF Martins Fontes de São Paulo.

⁴ Esclarece-se que nas últimas traduções das obras de Reich tem-se usado "orgone", mas a edição citada aparece "orgônio".



Nela, Reich nomeia as pessoas e os acontecimentos, de forma clara e direta, sem amenizar as críticas que tece a alguns conceitos psicanalíticos e psicanalistas. Ele rememora sua convivência com Freud e os membros da Sociedade Psicanalítica de Viena, seus estudos dos casos de pacientes no período compreendido entre 1922 até 1939 e suas pesquisas para resolver as dificuldades encontradas nos atendimentos clínicos que o levaram a elaborar suas teorias e clínicas.

Em outro parágrafo da introdução, Reich relaciona algumas vantagens de se escrever a própria biografia científica, quando se é jovem.

Há certas vantagens em escrever biografias científicas nos anos da juventude. Algumas das ilusões que ainda se têm nesse período, principalmente a de que a opinião pública está preparada para aceitar critérios revolucionários, tornam o indivíduo apto a aferrar-se aos fatos básicos, a resistir às múltiplas tentações de fazer acordos e a não recuar diante de conclusões decisivas com vistas à complacência intelectual, à paz de espírito, ou à aprovação do mundo. A tentação de negar a origem sexual de tantas enfermidades é muito maior no caso da economia sexual do que o era na psicanálise (Reich, 1948/1975a, p. 9).

Vale a pena destacar o tom crítico usado para esclarecer que não recuou e jamais deixou de divulgar os resultados de suas pesquisas, pese às críticas que recebia por tratar, tão abertamente, as neuroses advindas da sexualidade frustrada dos trabalhadores, das mulheres e jovens que o procuravam nas clínicas psicanalíticas de Viena e Berlim.

Tópicos convergentes: construtos da primeira fase psicanalítica (1894-1920)

Como já foi mencionado, Reich conheceu a psicanálise no início de 1919, quando a primeira fase teórica e a clínica psicanalítica já estavam consolidadas. Posto que já havia transcorrido dezenove anos da publicação de "A interpretação dos sonhos" (1899/1900) por Freud. Essa é considerada, pelos especialistas, a obra inaugural que definiu esse novo campo de conhecimento, pois demarca o limite entre os artigos pré-psicanalíticos e o início da Psicanálise. Nela, ele apresenta as leis e as características do inconsciente. A partir desse conceito, Freud inter-relaciona diferentes fenômenos, tais como o sonho e os sintomas histéricos. São defendidas as teses de que "O sonho é a realização de um desejo" e a do "Complexo de Édipo". Ele apresenta a divisão da mente entre o consciente, pré-consciente e inconsciente, conhecida como a primeira tópica. Nessa obra, esse autor estabelece a justificativa teórica que baseia a clínica psicanalítica e cria os métodos de pesquisa pela escuta e o psicoterápico conhecido como "cura pela fala".

Freud, certamente, exerceu forte influência sobre Reich, que começou a es-



tudar psicanálise com Sadger⁵ na Universidade de Viena. Reich afirma em 8/3/1919 em seu diário, que já estava conseguindo interpretar sonhos de acordo com a técnica proposta por Freud em “A Interpretação dos sonhos”.

Hoje consegui pela primeira vez colher os benefícios do estudo das teorias de Freud interpretando dois sonhos (um deles meu), e creio ter chegado a um resultado altamente plausível. Planejo colocar tudo por escrito, para me ocupar mais com a interpretação de sonhos e abordar a prática da psicanálise através desse método (Reich, 1988/1996, p. 88).

Nesse registro, é evidente o entusiasmo de Reich ao se referir à psicanálise e, nove meses depois, ele registra em 27/12/1919 que já havia escolhido seu objeto de estudo: a psique. É possível conjecturar que seu grande interesse em estudar a psicanálise era uma forma de fazer autoanálise para poder entender as “profundezas impuras” de sua psique, ou poder-se-ia inferir que essas “impurezas” estavam relacionadas com a sexualidade?

E eu? Admito, sou produtivo a meu modo. Tenho um dever, e vou tomá-lo como o trabalho da minha vida – a psique! O fato de que isso me conduz a profundezas impuras que são inadequadas para a sociedade também é belo, grandioso (Reich, 1988/1996, p. 109).

Essas conjecturas podem ser estabelecidas a partir da leitura de “Paixão de juventude”, pois são evidenciadas inter-relações entre as vivências de Reich, tais como, o desenvolvimento de sua sexualidade na infância e adolescência, o caso extraconjugal que levou sua mãe ao suicídio e seus interesses teóricos que o levou a desenvolver sua Teoria da Economia Sexual durante seus estudos de medicina na Universidade de Viena, entre 1919 e sua formatura em 1922. “Ao relatar esses anos descreve seu encontro com a psicanálise, o amadurecimento de suas convicções sobre a sexualidade como o cerne da vida social e psicológica, seus primeiros posicionamentos políticos e a análise da mulher que se tornaria sua primeira esposa. Essa obra é um registro único das paixões turbulentas que marcaram a juventude desse homem incomum”, resumo que se pode ler na orelha do livro.

A ideia de “ter matado” a mãe, como ele narra ao longo do primeiro capítulo de seu diário (Reich, 1988/1996), era seu trauma. Posto que ela suicidou-se, depois que ele contou ao pai a traição dela, que tinha tido um caso com um preceptor, quando Reich tinha 13 anos. Esse acontecimento, que o assombrou, como um fantasma ao longo de muitas décadas, parece ter contribuído para que o tema da

⁵ Nota dos eds. (1988/1996, p. 135): Isidor Isaak Sadger (29/10/1867–21/12/1942), um pioneiro em psicanálise, particularmente interessado em homossexualidade e perversões. Foi médico forense e psicanalista em Viena. Líder no desenvolvimento inicial (primeira geração) da psicanálise. Estudou com Sigmund Freud de 1895 a 1904. Foi professor de psicanálise e um dos analistas de Reich. Cunhou os termos “sodomismo” e “narcisismo”. Freud afirmou em uma nota em sua edição revisada de 1910 de “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” que suas conclusões sobre a homossexualidade foram parcialmente baseadas em informações obtidas de Sadger. Ver também em Roudinesco e Plon (1998, p. 681).



sexualidade tenha se convertido em seu objeto de estudo e de vida, bem como a base de sua produção teórica.

É possível fazer essa inferência, observando a precocidade de Reich em decidir em 1919, já no primeiro ano da graduação em medicina na Universidade de Viena, o objeto de estudo e seu objetivo de vida: entender a mente humana, começando pela sua própria.

É importante ressaltar que "Paixão de juventude" (Reich, 1988/1996) pode ser considerado o primeiro livro escrito por ele (Lima, 2021), daí a relevância da análise dessa obra, se se considera que foi escrito entre os anos de 1919 e 1922 para registrar, ao longo de três capítulos, sua "Infância e puberdade: 1897-1914" (pp. 11-59), sua atuação na primeira guerra mundial "A Grande Guerra: 1914-1918" (pp. 60-74) e as dificuldades que enfrentou durante os estudos de Medicina em "Viena: 1918-1922" (pp. 75-185), precedidos pelo prefácio escrito por Higgins (pp. 7-8).

Outro aspecto relevante é o fato de apresentar o primeiro delineamento de seus construtos sobre a teoria da economia sexual, como ele afirma no seguinte registro.

Formei-me doutor em medicina no verão de 1922. Aqueles quatro anos, cheios de experiência, viriam a afetar todos os que se seguiriam. Inconscientemente, estabeleceram os fundamentos da minha teoria da economia sexual. Digo inconscientemente porque era um estudante totalmente ingênuo, um entre milhares, sem quaisquer pretensões a uma vida melhor, satisfeito com a esperança de um dia ser capaz de exercer uma profissão decente e viver dignamente. Lutava por independência material (Reich, 1988/1995, p. 75).

Nas duas obras, Reich menciona que frequentou todos os encontros do Seminário de Sexologia desde o início de 1919 até sua formatura em 1922. Esse seminário foi uma iniciativa dos alunos, porque não existia essa disciplina em medicina. Era dirigido por Otto Fenichel⁶ (1897-1946), seu colega de curso, e cada aluno apresentava um estudo. Reich apresentou a conferência "Impulsividade e noções de libido de Forel a Jung"⁷, em 1919, entre outras.

Com relação às teorias freudianas sobre a sexualidade, Reich (1988/1996) registrou em 01/03/1919 suas opiniões quanto a uma conferência proferida pelo colega Fenichel.

Hoje Fenichel terminou a sua conferência sobre *sexualidade clitoridiana*. Como todos os discípulos de Freud, ele vê a sexualidade latente em tudo e em toda parte. Mesmo que isso seja verdade na maioria dos casos, não concordo com ele completamente. Talvez a moral fale

⁶ Os editores de "Paixão de juventude" fazem a seguinte explicação em nota: "Otto Fenichel – estudante de medicina que, em janeiro de 1919, organizou um seminário sobre sexologia na universidade. Mais tarde, tornou-se psicanalista". Reich acrescenta a seguinte explicação em 1937: "Naquelas primeiras conferências a que assisti, havia algo de bizarro em torno do sexual" (p. 84).

⁷ Nota dos Eds.: incluído em Reich (1975b).



contra isso, mas minhas experiências próprias, minhas observações a respeito de mim mesmo e dos outros, levaram-me a convicção de que a sexualidade é o núcleo em torno do qual toda vida social, assim como a vida espiritual interior do indivíduo, gira – quer a relação com esse núcleo seja direta, quer seja indireta. Ora isso parece contradizer o que acabei de dizer. Todos temos consciência, todavia, de que há algo ativo em nós, seja a moral ou a estética, que nos impede de acreditar nisso. Tendemos a nos enganar tentando parecer melhores aos nossos próprios olhos. Se alguém permanece geralmente consciente, em círculos sociais maiores ou menores, em todos os níveis, e até mesmo na comunidade acadêmica, pode facilmente aceitar a probabilidade dessa teoria. Não faço tais afirmações sob a influência das obras de Freud ou da conferência de hoje – *e como prova ofereço o fato de que eu tinha já consciência dessas coisas muito antes de começar a estudar essa ciência*. Por exemplo, lembro-me de que durante a infância a sexualidade consciente foi despertada dentro de mim aos quatro anos de idade, através de contato com as empregadas, ou seja, quando cuidaram de mim durante a ausência de minha mãe, por vários meses, devido à doença. Eu *imaginava a sexualidade* em cada olhar, gesto e, especialmente em *tudo o que me parecia suspeito de alguma forma*. Pessoalmente, tenho uma forte disposição erótica e sexual, embora esses elementos tenham variado continuamente em seu modo de expressão desde a primeira vez que tive relações sexuais (aos doze anos) até o presente dia. Minha sexualidade esteve em crescimento até os vinte anos, quando atingiu seu ápice, enquanto meu erotismo (no sentido em que Weininger⁸ e Krafft-Ebing⁹ usam a palavra) permaneceu completamente latente até essa época e só então começou a florescer. Hoje em dia acontece frequentemente de uma mulher me excitar ao extremo no sentido erótico, sem que eu acalente ideias de coito. Em tais casos, contudo, muitas vezes me pego despindo a mulher com os olhos. Devo atribuir isso à sexualidade ou ao erotismo? (Reich, 1988/1996, pp. 84-85, grifo do autor)

Nessa citação, Reich narra suas experiências infanto-juvenis, relacionadas com o desenvolvimento de sua sexualidade, que podem ter influenciado em seus interesses de estudo, enquanto jovem estudante de medicina, levando-o a aproximar-se da psicanálise. No entanto, deixa claro que já conhecia o tema, inclusive, na prática. É interessante notar que ele acrescenta a seguinte nota em 1920: “Que ingênuo!”. Isso significa que já havia amadurecido suas ideias durante esse ano. Principalmente, se se leva em conta que ele foi diretor do Seminário de Sexologia durante a viagem de Fenichel a Berlim entre os meses de dezembro de 1919 a

⁸ Otto Weininger (1880-1903) foi um filósofo austríaco. Em 1903 publicou *Geschlecht und Charakter* (Sexo e caráter), que se tornou popular após seu suicídio aos 23 anos. Atualmente seu livro é visto como misógino e antisemita por alguns acadêmicos, contudo continua sendo, como colocado pelo notável filósofo Ludwig Wittgenstein, “um grande trabalho de grande valor espiritual” (Roudinesco & Plon, 1998).

⁹ Neuropsiquiatra alemão, Richard Freiherr von Krafft-Ebing (1840-1902). Foi um pioneiro no estudo e na investigação da psicopatologia sexual. É também reconhecido pelos seus trabalhos no âmbito da psiquiatria e da neurologia. Foi educado na Alemanha e na Suíça e tornou-se professor de Psiquiatria em Estrasburgo aos 32 anos. Introduziu em sua obra os conceitos de sadismo, masoquismo e fetichismo no estudo do comportamento sexual. Sua obra foi: *Psychopathia Sexualis* (1886) (Roudinesco & Plon, 1998).



março de 1920.

No registro de 20/11/1920, Reich rememora a realização dessa atividade e faz uma autoavaliação de como a desempenhou, ainda que já tivesse experiência, porque ajudava Fenichel desde o início de 1919, como comentou em 01/03/1919 sobre a conferência que o amigo realizou.

Otto partiu para Berlim e eu devia assumir a direção do seminário. Eu sabia que apresentarmos o seminário juntos havia sido fácil para ele, mas seria difícil e extenuante para mim. Eu não somente queria dar-lhe continuidade, como *tinha* de fazê-lo. Havia muito trabalho, discursos preliminares; queria fazer o melhor em todos os pontos devido à minha grande estima por Otto. Não negarei que proporcionou um extraordinário impulso para o meu ego quando, no fim do período letivo da primavera [21/3-20/6 de 1919], fui escolhido como o novo dirigente. Mas então desenvolvi sentimentos de inferioridade, e se a verdade fosse dita, eu não era suficientemente maduro para assumir a direção, ainda que soubesse mais sobre psicologia sexual do que qualquer outra pessoa. E assim, para fortalecer minha posição, dividi o seminário em dois grupos: o biológico e o psicológico. Pedi a Eduard Bibring¹⁰ que presidisse o primeiro grupo, enquanto eu mesmo assumi a liderança do segundo. Gostaria de mencionar de antemão que realizamos alguma coisa, e quando Otto voltou para casa, na Páscoa [4/4] de 1920, fui capaz de relatar-lhe um número expressivo de boas conferências (Reich, 1988/1996, pp. 133-134, grifo do autor).

Em 07/8/1920, faz um registro no qual retoma o tema da conferência “Sexualidade clitoridiana” proferida por Fenichel em 01/03/1919, para explicar que era necessária a anfimixia que, em psicanálise, significa a concomitância de erotização uretral, clitorídea, vaginal, oral e anal.

As relações sexuais humanas necessitam de anfimixia – ou isso é, também, meramente uma generalização hedionda? Chego a pensar que sou incapaz de oferecer alguma coisa com o decorrer do tempo – ou, melhor dizendo, sinto que um estado de harmonia teria de prevalecer àquele que por enquanto não foi posto à prova. Mas isso também não envolve profundamente questões sexuais? Qual seria, então, a duração de tal estado? Total entrega mútua, física e emocional; caminho e meta comuns – isso é suficiente? (Reich, 1988/1996, p. 125)

É instigante tentar chegar aos possíveis sentidos de “oferecer alguma coisa”. É possível levantar a hipótese de que Reich estava se cobrando a elaboração de uma teoria própria, considerando que, de acordo com suas ideias, expostas anteriormente, ele não estava de acordo, totalmente, com as ideias freudianas. Quanto

¹⁰Edward Bibring (1894–1959) foi um psicanalista austríaco/americano. Estudou filosofia e história na Universidade de Czernowitz até a Primeira Guerra Mundial. Após o serviço militar, ele foi estudar medicina na Universidade de Viena, e mais tarde foi aceito para ser treinado pela Sociedade Psicanalítica de Viena, da qual se tornou membro associado a partir de 1925, e depois membro titular em 1927. Ele estava intimamente associado com Sigmund Freud. Ele foi um coeditor da *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* por um breve período. Em 1921 ele se casou com sua colega analista Grete L. Bibring, e em 1941 o casal emigrou para os EUA (Roudinesco & Plon, 1998).



ao fato de ele, ainda, não ter sido posto à prova, pode-se conjecturar se ele estaria se referindo ao fato de que, até aquele momento, não pertencesse, ainda, à Sociedade Psicanalítica de Viena? Segundo ele é “Vaidade – depois o seminário, devemos publicar as conferências, quão orgulhoso estou, escreverei um bom trabalho. Oh, não, mais um além de *Peer Gynt*” (Reich, 1988/1996, p. 120).

Os editores de “Paixão de juventude” informam, em nota, a data exata e o título do trabalho que abriu as portas da SPV para Reich: “Conflitos libidinosos e delírios em *Peer Gynt*, de Ibsen” (Reich, 1975b), uma conferência que Reich proferiu em 13 de outubro de 1920 e que, na reunião do dia 20 do mesmo mês, ele foi aceito como membro dessa sociedade.

No capítulo 2, intitulado “Peer Gynt”, de “A função do orgasmo”, Reich afirma que leu muitas vezes essa obra, além de ver duas vezes sua representação no teatro em Berlim e em Oslo, até conseguir chegar a uma compreensão que o satisfizes: “Foi aí que finalmente entendi o meu interesse pelo significado da peça. Ibsen havia simplesmente dramatizado a miséria do sujeito não-convencional” (Reich, 1948/1975a, p. 27).

Escrevi um longo ensaio sobre *O Conflito da Libido e a Ilusão de Peer Gynt*. No verão de 1920, tornei-me membro honorário da Sociedade Psicanalítica de Viena. Foi pouco antes do congresso de Haia. Freud presidia às sessões. Muitos trabalhos tratavam de assunto clínico. Os oradores trouxeram relatórios objetivos e bons sobre as questões em discussão. Freud era muito eficiente no sumariar os pontos essenciais de uma comunicação, e no declarar em poucas palavras a sua própria opinião, no fim. Era de fato um prazer ouvi-lo. Falava com cuidado e sem afetação, mas com facilidade, e frequentemente com uma ironia mordaz. Estava, afinal, gozando o sucesso que se seguia a muitos anos de pobreza (Reich, 1948/1975a, p. 28, grifo do autor).

Nessa citação, é relevante destacar a descrição que Reich faz de Freud. Ao narrar esse fato no seu diário autobiográfico “Paixão de juventude”, ele também se refere a Freud algumas vezes. Como, por exemplo, quando foi à residência dele pegar livros sobre sexualidade emprestados para que os participantes do Seminário de Sexologia pudessem estudar. Esse fato ocorreu no final de 1919, quando Reich foi nomeado diretor, durante a viagem de Fenichel. Em “A função do orgasmo”, ele nomeia alguns livros que conseguiu, os quais estudou, rapidamente.

Conseguí alguns trabalhos sobre sexologia: *Sexualleben unserer Zeit*, de Bloch, *Die sexuelle Frage*, de Forel, *Sexuelle Verirrungen*, de Back, *Hermaphroditismus und Zeugungsunfähigkeit*, de Taruffi. Depois li *Libido*, de Jung e finalmente li Freud. Li muito, li depressa e de ponta a ponta: alguns dos trabalhos li duas ou três vezes. As *Three Contributions to the Theory of Sex* e as *Introductory Lectures to Psychoanalysis*, de Freud, decidiram a escolha da minha profissão. Separei imediatamente a literatura sexológica em dois grupos; um sério, e o outro “moralista e lascivo”. Eu estava entusiasmado a



respeito de Bloch, Forel e Freud. Freud era uma extraordinária experiência intelectual (Reich, 1948/1975a, pp. 17-18, grifo do autor).

Essa citação se encontra em "A biologia e a sexologia antes de Freud", capítulo 1 de "A função do orgasmo", portanto, é possível perceber que sua participação nesse seminário lhe deu a oportunidade de estudar, profundamente, a sexologia e, que a leitura dos livros de Freud, o fizeram escolher a profissão.

Não me tornei imediatamente um discípulo devotado de Freud. Assimilei gradualmente as suas descobertas, estudando ao mesmo tempo as ideias e descobertas de outros grandes homens. Antes de entregar-me inteiramente à psicanálise e de me atirar totalmente a ela, adquiri um conhecimento básico geral em ciência natural e em filosofia natural. Era o tema básico da sexualidade que me obrigava a empreender esses estudos. Estudei muito bem o *Handbuch der Sexual-wissenschaft*, de Moll (Reich, 1948/1975a, p. 18, grifo do autor).

Percebe-se, assim, que ele, nessa citação, explica que antes de associar-se à SPV, em 20/10/1920, adquiriu muito conhecimento de áreas bem diferentes, tais como ciência natural, filosofia natural, psicologia e sexologia, porque tinha facilidade para estudar e estava ávido por aprender, pois "tinha vinte e um anos de idade e perdera quatro anos de estudos" como soldado na primeira guerra mundial, como narra em seu diário (Reich, 1988/1996, p. 74).

No entanto, é curioso perceber que ele tenha se empenhado em estudar a psicanálise freudiana, porque já tinha uma ideia muito clara sobre a sexualidade e queria explicações que acreditava poder encontrar nessa ciência. Essa opinião é defendida por Albertini (2016), um dos pesquisadores e comentadores da obra de Reich no Brasil em sua tese de livre docência "Na psicanálise de Wilhelm Reich" publicada em 1996 como professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Como se pode observar, prestes a completar 22 anos, evento que ocorreu em 24 de março [1919], o jovem Reich, ainda não vinculado ao movimento psicanalítico, já atribuía à sexualidade uma importância central para a compreensão dos fenômenos humanos. Vale também perceber que ele professa essa compreensão, que vai se constituir em uma marca de sua obra, alicerçado em experiências vividas e em observações efetuadas. Não se trata, portanto, de alguém convencido por, digamos, bem elaboradas construções teóricas, ou de um autor que se depara com o tema da sexualidade ao encontrar a psicanálise. Na realidade, é mais correto supor o contrário: devido ao seu interesse pelo assunto sexualidade, Reich buscou a psicanálise (Albertini, 2016, p. 35).

Durante seus estudos e atendimentos clínicos, Reich amadurece suas convicções sobre a sexualidade como o cerne da vida social e psicológica. Na citação, a seguir, em "A função do orgasmo", ele confirma que o tema que o aproximou da psicanálise foi a sexologia e, por isso, se interessava mais pelas neuroses atuais.



Lembrarei ao leitor que cheguei a Freud através da sexologia. Não admira, portanto, que eu tenha achado a sua teoria das neuroses atuais (*Aktualneurosen*), que chamei neuroses estásicas sexuais, muito mais interessante e científica do que a “interpretação” do “significado” dos sintomas nas psiconeuroses. Freud chamava neuroses atuais às enfermidades causadas pelas perturbações presentes da vida sexual. Segundo essa ideia, a neurose de angústia e a neurastenia eram enfermidades que não tinham uma “etiologia psíquica”. Achava que eram manifestações diretas de uma sexualidade reprimida. Eram exatamente como as perturbações tóxicas. Freud presumia que o corpo continha “substâncias químicas” de “natureza sexual” que, se não eram adequadamente “metabolizadas”, produziam palpitações nervosas, irregularidade cardíaca, crises agudas de angústia, suor e outros sintomas do mecanismo da vida vegetativa. Estava longe da intenção de Freud estabelecer uma relação entre a neurose de angústia e o sistema vegetativo. Com base na sua experiência clínica, afirmava que a neurose de angústia era o resultado da abstinência sexual ou do *coitus interruptus* (Reich, 1948/1975a, p. 49, grifo do autor).

Nessa análise, Reich já indica o rumo que sua pesquisa tomou, pois renomeou as neuroses atuais como neuroses estásicas sexuais. Ele também explica que a falta de lembranças infantis dos pacientes era uma das dificuldades da técnica psicanalítica, como ensinava Freud, e que com a experiência clínica começou a perceber a inter-relação entre as funções biológicas e as funções psíquicas. Ao discutir as “Lacunas na psicologia e na teoria do sexo”, capítulo 3, de “A função do orgasmo”, Reich afirma que seu método já não é o psicanalítico, leia-se o clássico, como pode-se observar em suas explicações, a seguir.

Ao mesmo tempo, preocupava-me com a questão dos limites da memória do paciente, na análise. A evocação de experiências de infância recalçadas era a principal tarefa do tratamento. De fato, o próprio Freud não encarava como sendo muito grande a possibilidade de que ideias da primeira infância pudessem emergir acompanhadas pela sensação de reconhecimento (“rememoração”). Na sua opinião, o analista devia contentar-se com o fato de que as primeiras lembranças emergissem em forma de fantasias, a partir das quais a “situação primitiva” poderia ser reconstituída. Por boas razões, dava-se grande importância à reconstituição das situações mais antigas da infância. Aqueles que nunca se deram ao trabalho de sondar as profundezas mais íntimas de um caso não podem fazer uma ideia real da profusão de atitudes inconscientes da criança, e da natureza da experiência infantil; têm de ser, necessariamente, ignorantes quanto ao pensamento analítico. Afinal, esse conhecimento era muito mais que a obtenção de sucessos superficiais rápidos. O analista que o tivesse poderia ser mais tarde capaz de conseguir mais na terapia. Nenhuma das minhas atuais ideias sobre as funções biológicas da esfera psíquica poderia ter sido possível, ou teria sido superficialmente confirmada, se eu não tivesse levado a cabo amplas investigações sobre a vida da fantasia inconsciente. O objetivo do meu trabalho é o mesmo hoje e há vinte anos: o despertar das experiências da primeira infância. Entretanto, o método para consegui-lo mudou consideravelmente; tanto, na verdade, que nem se pode mais cha-



mar de psicanálise. Esse estudo das práticas genitais dos pacientes moldou as minhas ideias clínicas. Tornou-me capaz de ver novas conexões na vida psíquica. Entretanto, o meu trabalho, incluindo o da atividade da memória, foi levado a cabo inteiramente dentro da estrutura do empirismo psicanalítico geral (Reich, 1948/1975a, p. 34).

Na introdução de "A função do orgasmo", Reich (1948/1975a) reafirma que sua Teoria da Economia Sexual foi gestada durante os cinco primeiros anos de estudos e atendimento clínico psicanalítico. Desde novembro de 1920, Freud já lhe enviava pacientes: "Estou vivo, tenho dois pacientes *pagantes* enviados a mim por Freud em pessoa! E outros virão – e depois?" (Reich, 1988/1996, p. 153).

A partir de 1922, ao se graduar em medicina, passou a ser o primeiro assistente de Freud na Policlínica Psicanalítica de Viena. Também, nesse ano, publicou o artigo intitulado "Dois tipos narcisistas" (Reich, 1975c) apresentando sua primeira reflexão sobre o conceito "caráter" e, três anos depois, revisa e aprofunda esse conceito em seu primeiro livro "O caráter impulsivo" (1925/2009).

Pode-se perceber que Reich (1948/1975a) faz questão de registrar que, ainda que seu trabalho apresentasse diferenças teóricas, ele era um psicanalista e que fez parte da IPA até 1934: "A economia sexual germinou no seio da psicanálise de Freud, entre 1919 e 1923. A sua separação material da matriz se deu por volta de 1928, mas até 1934 não se afastou da *International Psychoanalytic Association*" (p. 9).

Essa explicação corrobora as características apresentadas por Roudinesco e Plon (1998) para a segunda geração da qual Reich fez parte, tais como: iniciou-se a partir de 1918, no caso dele, entrou em contato com a psicanálise no início de 1919; fugiu de Berlin em 1934 para Oslo, porque começou a ser perseguido pelos nazistas e imigrou para os Estados Unidos da América em 1939; a IPA era o vínculo entre os psicanalistas, e, como ele afirma, no excerto citado anteriormente, transformou a doutrina original a partir de uma leitura crítica à pulsão ou instinto de morte.

Tópicos divergentes: construtos da segunda fase psicanalítica (1920-1939)

O princípio de prazer, consolidado na primeira fase (1894-1920), é um componente fundamental da metapsicologia freudiana por duas razões. Em primeiro lugar e de modo mais explícito, por comportar uma concepção do aparelho psíquico, segundo a qual, esse é regulado pelo princípio homeostático de equilíbrio, isto é, um mecanismo de estabilização da quantidade de excitação psíquica em seus níveis mais baixos e constantes possíveis.

Em segundo lugar, e de modo mais implícito, por pressupor certa articulação entre dois conceitos fundamentais da psicanálise: o desejo e a repetição. O desejo é o reinvestimento da lembrança de uma experiência passada de satisfação e prazer



que é reativada pela memória quando a mesma necessidade reaparece no presente. A transformação da necessidade em desejo depende, portanto, de uma primeira vivência de satisfação da necessidade que gera o impulso e esforço de reproduzi-la e revivê-la novamente, como explica Freud.

No entanto, em "Além do Princípio do Prazer" (1920), Freud revisa, profundamente, sua metapsicologia desenvolvida durante mais de 40 anos de produção teórica e prática clínica. Portanto, marca a virada do freudismo, estabelecendo a divisão entre a primeira fase (1894-1920) e a segunda (1920-1939). Essa obra complexa e controversa significou uma ruptura decisiva e sem volta, que mudou o destino da psicanálise e resultou na reconfiguração em dois pilares da teoria psicanalítica: o "princípio de prazer" e a "teoria das pulsões".

A primeira teoria das pulsões é dualista: pulsões de autoconservação ou pulsões do Eu, de um lado, e pulsões sexuais do outro. A meta de ambos os grupos de pulsão é a promoção, conservação e expansão da vida através da obtenção de prazer e afastamento do desprazer. Já na segunda versão, o dualismo inicial é substituído pela oposição entre pulsões de vida ou Eros e pulsões de morte ou Thanatos.

Portanto, há uma diferença de natureza quanto à meta pulsional, no sentido de que apenas a pulsão de vida visa ao prazer e afirmação da vida, ao passo que a meta da pulsão de morte é o desprazer e negação da vida. O principal sentido da pulsão de morte é, portanto, introduzir na teoria psicanalítica a existência de um desejo inato, biológico e imutável cuja meta é o desprazer, sofrimento, auto-destruição e morte, daí a relativização da tríade "desejo-repetição-prazer", antes absoluta, e a emergência da tríade "desejo-repetição-desprazer" em 1920. Em resumo, Freud nega que o sujeito age de acordo com a tensão prazer-desprazer e introduz o conceito de pulsão de morte em contraposição à pulsão de vida.

Ele descreve a pulsão de morte como uma pulsão biológica que pressiona para o retorno ao inorgânico, ou seja, o organismo reage a qualquer perturbação pela tentativa de reencontrar o *status quo*. No início dessa obra, Freud mostra exemplos para fundamentar uma pulsão de morte, tais como as neuroses de guerra, que apareceram após a I Guerra Mundial (1914-1918), de pessoas com seus sonhos que repetiam ou reproduziam suas vivências relacionadas com a guerra que lhes tinham acontecido.

Freud se perguntava o que levava essas pessoas a terem durante o sono, não um comportamento, relacionado com o princípio prazer-desprazer, mas à repetição do acontecimento traumático, ainda que sob a forma de sonho, e, às vezes, sobre a forma de comportamentos automáticos, como por exemplo, ouvir algum barulho e esconder-se em baixo da mesa. Ele se questionava também sobre outros fatos da vida cotidiana, comportamentos banais como, por exemplo, o que designou como neuroses de destino. Como aquela senhora que enviúva três vezes da mesma



maneira: ela casa com um senhor que, se vem a descobrir, em curto prazo, tem um carcinoma e morre. Parece que esta pessoa é perseguida por um destino. Ou seja, há uma repetição de algo que Freud chamou “pulsão ou instinto de morte”.

Em “A função do orgasmo”, Reich (1948/1975a) chama a atenção para a presença desse novo conceito psicanalítico em “Além do princípio do prazer” (1920) e “O ego e o id” (1923):

Em *Beyond the Pleasure Principle* e *The Ego and the Id*, Freud presunha a existência de uma necessidade inconsciente de punição. Essa necessidade explicava ostensivamente a resistência do paciente à cura. Ao mesmo tempo, o “instinto de morte” se tornava uma parte da teoria psicanalítica. Freud presumia que a substância viva era governada por duas forças instintivas antitéticas. Por um lado, postulava os instintos de vida, que punha em equação com o instinto sexual (Eros). Segundo Freud, esses instintos tinham a função de despertar a substância viva do seu estado de repouso inorgânico, de criar tensão e de concentrar a vida em unidades cada vez maiores. Esses instintos são turbulentos, clamorosos; são os responsáveis pelo tumulto da vida. Agindo por detrás desses instintos de vida, entretanto, estaria o instinto “mudo”, mas “muito mais importante”, de morte (Thanatos): tendência a reduzir a substância da vida a uma condição inanimada, ao nada, a um Nirvana. Segundo essa concepção, a vida seria realmente apenas uma perturbação do silêncio eterno, do nada. Na neurose, de acordo com essa opinião, o instinto de morte contrariaria, nos seus instintos, a vida criativa, i.e., sexual. É claro que, o instinto de morte não podia ser percebido. Mas as suas manifestações eram tidas como evidentes demais para serem desprezadas. Em tudo quanto fazia, o homem demonstrava a sua tendência em direção ao auto-aniquilamento. O instinto de morte manifesta-se em impulsos masoquistas. Era por causa desses impulsos que os pacientes neuróticos “se recusavam” a ser curados. Nutriam o sentimento inconsciente de culpa, que podia também ser chamado de necessidade de punição. Os pacientes não queriam curar-se muito simplesmente porque os impedia essa necessidade de punição, que encontrava satisfação na neurose (Reich, 1948/1975a, p. 67, grifo do autor).

Essa virada teórica, proposta pela segunda fase freudiana, levou a uma cisão do movimento, posto que muitos dos psicanalistas não aceitaram os novos conceitos apresentados por Freud, especialmente, os da segunda geração, que acabaram por transformar a doutrina original a partir de releituras centralizadas na segunda tópica, de acordo com Roudinesco e Plon (1998), como mencionado anteriormente.

No caso de Reich, ele discordou, firmemente, do conceito de “pulsão de morte” e afirma que a sua introdução significou o início da desintegração do movimento, porque vários psicanalistas, tais como Reik¹¹ e Alexander¹², publicaram

¹¹Theodor Reik (12 de maio de 1888, Viena, Áustria - 31 de dezembro de 1969, Nova York) foi um psicanalista que se formou como um dos primeiros alunos de Freud em Viena, e foi um pioneiro da análise leiga em os Estados Unidos (Roudinesco & Plon, 1998).

¹²Franz Alexander, nascido *Ferenc Gábor Alexander* (Budapeste, 22 de janeiro de 1891 — Palm Springs, 8 de março de 1964) foi um médico e psicanalista húngaro judeu radicado nos Estados Uni-



obras baseadas na pulsão de morte para justificar o fracasso da terapia acusando os pacientes de não quererem se curar, como uma forma de não assumirem uma cota da responsabilidade pelo processo.

A descrição desses fatos não é de maneira nenhuma irrelevante. A posição crítica que assumi contra esses sinais de desintegração dentro do movimento psicanalítico (por exemplo, a teoria do instinto de morte) proveu às bases da minha irrupção bem sucedida no domínio da vida vegetativa, anos depois (Reich, 1948/1975a, p. 67).

Reich, ao contrário, desenvolveu sua teoria do orgasmo para explicar que os problemas sexuais dos neuróticos e, principalmente, dos masoquistas têm outras explicações, como se pode entender na seguinte citação.

A perturbação do orgasmo do masoquista difere da perturbação de outros neuróticos pelo fato de que, no momento da mais alta excitação, o masoquista é possuído pelo espasmo e o conserva. Dessa forma, cria uma contradição entre a expansão acentuada que está a ponto de ocorrer e a contração súbita. Todas as outras formas de impotência orgástica inibem *antes* de ser atingido o ápice da excitação. Essa diferença sutil, que pareceria ter apenas um interesse acadêmico, decidiu o destino do meu trabalho científico. Está claro pelas minhas notas, entre 1928 e mais ou menos 1934, que o fundamento do meu trabalho experimental no campo da biologia, até o momento das experiências com o *bion*, foi preparado nesse período. É impossível descrever o processo todo. Preciso simplificar ou, melhor, preciso descrever as minhas primeiras fantasias, que eu não teria jamais ousado publicar se não houvessem sido confirmadas pelo trabalho clínico e experimental ao longo dos dez anos seguintes (1948/1975a, p. 131, grifo do autor).

Segundo Albertini (1994), “a principal ligação do pensamento reichiano com a psicanálise freudiana deve ser buscada no âmbito do ponto de vista econômico” e “tanto a preocupação quantitativa quanto a busca da base orgânica da libido caminham na direção de uma concepção de energia sexual como algo real e não apenas como um constructo teórico” (p. 38). Dessa forma, é importante ressaltar que, para Reich (1948/1975a), desde sua formação na faculdade de medicina, era conhecido como “bergsoniano maluco” (p. 18), porque valorizava, enfaticamente, o conceito de uma energia vital, como se pode ver em seus primeiros escritos, que incluíam um estudo de 1922 sobre “O Conceito de Pulsão e Libido de Forel a Jung” (Reich, 1975d), e outro de 1923 “Sobre a Energia das Pulsões” (Reich, 1975e). Conforme Albertini (1994), “desde o início existe no pensamento reichiano a hipótese de um princípio energético” (p. 38).

Reich reconhece que sua teoria sobre a sexualidade tinha partido do conceito psicanalítico de “libido”, mas suas pesquisas, a partir da fisiologia experimental, mostraram a relação com o sistema vegetativo ou autônomo. Essas conclusões

dos. Ele é considerado o fundador da medicina psicossomática de base analítica e da criminologia psicanalítica (Roudinesco & Plon, 1998).



não foram aceitas por Freud, porque provocaram grande controvérsia, já que Reich era criticado por psicanalistas, psiquiatras e comunistas, e as ideias reichianas relacionavam a teoria da psicanálise com publicações de Reich que não foram aceitas pela SPV e IPA.

Essas descobertas já estavam além da estrutura da psicanálise. Destruíram inúmeros preconceitos. Os psicanalistas não podiam entender o que eu estava dizendo, e a minha posição era por demais controvertível. Por isso, tornava-se cada vez mais difícil permitir que as minhas ideias existissem dentro da mesma organização. Freud rejeitara a tentativa de incluir o processo da libido no sistema autônomo. Como psicanalista proeminente, eu não estava em muito bons termos com os psiquiatras ortodoxos e outros clínicos. Por causa do seu modo de pensar mecanicista e não analítico, podiam compreender pouquíssimo daquilo que eu dizia. A recém-nascida teoria da sexualidade viu-se completamente sozinha. Consolava-me com as numerosas confirmações da minha ideia, confirmações que encontrei na fisiologia experimental. A minha teoria parecia capaz de reduzir à expressão mais simples as diversas descobertas acumuladas por gerações de fisiologistas. *No centro estava a antítese entre o simpático e o parassimpático* (Reich, 1948/1975a, p. 136, grifo do autor).

Ante o exposto, é possível afirmar que a sexualidade foi o tema que aproximou e afastou Reich de Freud, devido às constantes críticas dos colegas psicanalistas por causa dos seus estudos sobre a sexualidade. Depois de muito tempo de pesquisas, elaborou uma teoria da sexualidade científico-natural, empiricamente estabelecida, denominada Teoria da Economia Sexual. No entanto, essa teoria foi delineada em "Paixão de juventude", como ele mesmo afirma nesse diário. Portanto, é relevante destacar que, mesmo publicado postumamente, pode ser considerado seu primeiro livro (Lima, 2021). Suas proposições teóricas são tomadas como elemento norteador da compreensão da sexualidade em seus múltiplos contextos: social, político, econômico e cultural.

Segundo Reich, a sexualidade é um elemento fundamental na vida dos indivíduos, já que a repressão da sexualidade natural gera grande parte dos males que assolam a vida social, a começar por uma expressão rígida e contida. Ao contrário, a ausência dessa repressão possibilitaria uma vida mais saudável e uma forma de ser mais flexível e interativa nas relações interpessoais no seu cotidiano.

Portanto, o pensamento reichiano, diferentemente do psicanalítico clássico, é sistêmico e transdisciplinar e é uma nova forma de abordagem que compreende o desenvolvimento humano sobre a perspectiva da complexidade. Assim, para percebê-lo, a abordagem sistêmica lança seu olhar não somente para o indivíduo isoladamente, mas considera, também, seu contexto e as relações aí estabelecidas.

Pensar sistemicamente exige uma nova forma de olhar o mundo, o homem e, conseqüentemente, exige também uma mudança de postura por parte do cientista. Postura essa que propicia ampliar o foco e entender que o indivíduo não é o único



responsável por ser portador de um sintoma, mas sim que existem relações que mantêm esse sintoma. Para exemplificar, é possível observar no funcionamento da família como um comportamento afeta e é afetado pelo outro, então pode-se falar em co-participação e co-responsabilidade, ou seja, o sintoma que o indivíduo apresenta é resultado do material patogênico da família e da sociedade, se estas não funcionam de forma saudável. Ele escreveu muitas obras (Lima & Hur, 2020; Lima, 2021; Matthiesen, 2007), além das citadas neste artigo, e desenvolveu três técnicas psicoterapêuticas: análise do caráter (1933), vegetoterapia caracterológico-analítica (1935) e orgonoterapia (1940) a partir da consideração do homem como uma unidade biopsicossocial.

Considerações finais

Mostrou-se com sua trajetória pessoal, que Reich foi um homem do período de entre guerras, ele fez a virada do século XIX para o XX, pois nasceu em 24/03/1897, lutou na I Guerra Mundial e vivenciou a ascensão do nazifascismo. Sua trajetória coletiva, como estudante de medicina e jovem psicanalista, desenvolveu toda uma construção teórica amalgamada entre vida pessoal e obra. Teoria essa fundamentada na visão de que os conceitos de educação familiar autoritária como sendo a base dos governos totalitaristas.

Assim, é natural que ele tenha escrito sobre sua vida e ao mesmo tempo sobre as questões sociais latentes do seu tempo. Existe algo da vida pessoal dele que é importante conhecer até para entender como algumas experiências reverberaram depois em sua obra (Albertini, 1994, 2016). Ele mesmo teve essa preocupação, pois escreveu algumas narrativas autobiográficas das quais, neste texto, analisou-se “Paixão de juventude” e “A função do orgasmo”.

Os resultados apontaram que as experiências sexuais infanto-juvenis de Reich influenciaram em seus interesses de estudo, enquanto jovem estudante de medicina, levando-o a aproximar-se e, ao mesmo tempo, a afastar-se da psicanálise. Da análise comparativa dessas duas obras reichianas, concluiu-se que, na primeira, ele delineia os construtos básicos que são detalhados na segunda.

Nessa, ele explicita as divergências teóricas entre ele e Freud e apresenta algumas informações que não foram narradas em “Paixão de juventude”, tais como: sua impressão sobre Freud e seu relacionamento com ele a partir de 1919, opiniões sobre a psicanálise, seus relatórios sobre os casos clínicos, ensaios, relatos de casos e comunicações apresentadas nos congressos das SPV e IPA a partir de 1921 que foram publicadas a partir de 1922. Também explicita as divergências teóricas entre eles, principalmente a crítica contumaz de Reich à pulsão ou instinto de morte que o levou a elaborar a teoria do orgasmo que o afastou, definitivamente, da psicanálise. Destacou-se que entre os 1920-1934, quando ele esteve ligado à IPA e com o



consentimento de Freud, Reich desenvolveu as Teorias da Economia sexual, do Orgasmo e da Análise do Caráter como releitura crítica da pulsão de morte que não aceitava.

Ressaltou-se que as duas obras analisadas começaram a ser escritas como diários autobiográficos, posto que Reich não as havia escrito com a intenção de publicá-las, de acordo com as citações feitas, anteriormente. "Paixão de juventude" (1988) não foi publicada em vida e, possivelmente, a primeira edição de "A função do orgasmo" (1942), em inglês, teve o objetivo de divulgar seu trabalho nos Estados Unidos, já que estava em Nova York havia somente três anos.

É relevante afirmar que, ainda hoje, Reich é considerado o mais revolucionário dos psicoterapeutas, tendo sido o único discípulo de Freud a levar a teoria da libido para o campo experimental. Seus conceitos sobre a sexualidade provocaram uma controvérsia imensa, fato que o levou a ser criticado por psicanalistas e por marxistas. Por ser judeu, ex-associado à SPV e IPA, e ao Partido Comunista em Berlim, fugiu para a Noruega e para os Estados Unidos da América em 1939, onde morreu na prisão em 1957, também devido às controvérsias suscitadas por suas pesquisas sobre a sexualidade e o orgone.

Inicialmente, seu interesse foi associar os pensamentos freudiano e marxista. Ele acreditava que as contribuições de Karl Marx (1818-1883) trazia uma espécie de entendimento de que as disputas de poder dentro da sociedade poderiam ser extremamente ricas à psicanálise. Reich acreditava, também, que as contribuições freudianas sobre a subjetividade humana poderiam ser bastante interessantes a uma ideia de estudo sociológico.

Referências

- Albertini, P. (1994). *Reich: história das idéias e formulações para a educação*. Agora.
- Albertini, P. (2016). *Na psicanálise de Wilhelm Reich*. Zagodoni.
- Assoun, P. L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana* (H. Japiassu Trad.). Imago.
- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política*. Brasiliense.
- Birman, J. (1991). Sujeito, Singularidade e Interpretação em Psicanálise. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 1(2), 127-142. <https://doi.org/10.1590/S0103-73311991000200007>
- Cellard, A. (2012). A análise documental. In J. Poupart, J.P Deslauriers, L.H.



- Groulx, A. Laperrière, R. Mayer & A. Pires. *A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos* (3a ed., pp.295-316). (A. C. A. Nasser Trad.). Vozes.
- Childress, H. (1998). Kinder ethnographic writing. *Qualitative Inquiry*, 4(2), 249-265. <https://doi.org/10.1177/107780049800400206>
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2000). Introduction: the discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp. 1-28). Sage Publications.
- Freud, S. (1996). *A Interpretação dos Sonhos* (Vol. 4, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Imago Editora. (Original publicado em 1900)
- Gil, A. C. (2002). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (6a ed.). Atlas.
- Lima, L. M. & Hur, D. U. (2020). Apropriação das ideias reichianas no meio acadêmico brasileiro. *Revista Online Psicologia Corporal*, 21. <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>
- Lima, L. M. (2021). *Paixão de juventude – uma autobiografia (1897-1922): o primeiro delineamento teórico de Wilhelm Reich*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Universidade Federal de Goiás].
- Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (1986). Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In M. Lüdke & M. E. D. A. André. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas* (pp. 38-44). EPU.
- Matthiesen, S. Q. (2007). *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. Anna-blume/Fapesp.
- Reich, W. (1975a). *A Função do Orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica* (9a ed., Vol.1). (M. G. Novak Trad.). Editora Brasiliense. (Original publicado em 1948)
- Reich, W. (1975b). *Early Writings* (Vol. 1, P. Schmitz Trad.). Farrar, Strauss and Giroux.
- Reich, W. (1975c). Two narcissistic types. In W. Reich. *Early Writings* (Vol. 1, P. Schmitz Trad., pp. 133-142). Farrar, Straus and Giroux.
- Reich, W. (1975d). Drive and Libido Concepts from Forel to Jung. In W. Reich. *Early Writings* (Vol. 1, P. Schmitz Trad., pp. 86-124). Farrar, Straus and Giroux.



Reich, W. (1975e). Concerning the Energy of Drives. In W. Reich. *Early Writings* (Vol. 1, P. Schmitz Trad., pp. 143-157). Farrar, Straus and Giroux.

Reich, W. (1988a). *Leidenschaft der Jugend: Eine Autobiographische, 1897-1922*. Kiepenheuer & Witsch.

Reich, W. (1988b). *The passion of youth: Wilhelm Reich an autobiography, 1897-1922*. (P. Schmitz & J. Tompkins Trad.). Farrar, Straus & Giroux.

Reich, W. (1996). *Paixão de Juventude: uma Autobiografia 1897 – 1922*. (C. S. Martins e S. Rios, Trad.). Brasiliense. (Original publicado em 1988)

Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (V. Ribeiro & L. Magalhães Trad.). Jorge Zahar.

Russo, J. A. (1993). *O corpo contra a palavra*. Editora UFRJ.

Nota sobre a autora:

Lucielena Mendonça de Lima é professora titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (campus Goiânia), É pós-doutora em Linguística Aplicada (UnB), doutora em Linguística (Universidad de Oviedo/Espanha), mestra em Psicologia (UFG), especialista em psicologia transpessoal centrada no corpo, psicanalista e terapeuta corporal reichiana. E-mail: lucielenalima@gmail.com

Data de submissão: 21.05.2021

Data de aceite: 08.10.2022